INSTITUTUM SAPIENTIAE
ORDINIS CANONICORUM REGULARIUM SANCTAE CRUCIS

Cursus Philosophiae

CÉLIO RODRIGUES DE SOUZA

UMA ANTROPOLOGIA CRISTÃ:
O PERSONALISMO DE KAROL WOJTYLA

ANÁPOLIS-GO
2018

CÉLIO RODRIGUES DE SOUZA

UMA ANTROPOLOGIA CRISTÃ:
O PERSONALISMO DE KAROL WOJTYLA

Trabalho apresentado ao Prof. Dr. Pe. Andreas Dankl ORC, referente ao trabalho científico-filosófico, como forma de obtenção parcial de nota na disciplina de Seminário de Antropologia Filosófica, requerido pelo curso de Bacharelado em Filosofia do *Institutum Sapienti*ae.

ANÁPOLIS-GO

2018

[...] perguntamos: “Senhor que é o homem, para dele assim vos lembrardes e o tratardes com tanto carinho?”. (Salmo 8,5)

SUMÁRIO

1 **INTRODUÇÃO** 4
2 **CONCEPÇÃO PAGÃ E CONCEPÇÃO CRISTÃ DO HOMEM** 6
2.1 CONCEPÇÃO PAGÃ DO HOMEM 6
2.1.1 **A concepção de Platão do Homem** 7
2.1.2 **A concepção de Aristóteles do Homem** 7
2.2 CONCEPÇÃO CRISTÃ DO HOMEM 8
2.2.1 **A novidade do cristianismo** 8
2.2.2 **Visão nova do homem** 9
2.2.3 **Visão nova do homem e pensamento cristão** 10
3 **O PERSONALISMO DE KAROL WOJTYLA: A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA** 11
3.1 A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA 12
3.1.1 **O retrocesso da consciência** 12
3.1.1.1 O discurso conflita com a prática 12
3.1.2 **A fundamentação da dignidade da pessoa humana** 14
3.1.2.1 A *participação* ontológica e a dignidade da pessoa humana 15
3.1.2.2 O uso objetivo e subjetivo da pessoa humana 15
3.1.2.3 O amor como afirmação da pessoa humana 16
4 **PERSONALISMO: UMA PROPOSTA PARA OS PROBLEMAS IDEOLÓGICOS VIGENTES** 17
5 **CONSIDERAÇÕES FINAIS** 19
REFERÊNCIAS 20

1 INTRODUÇÃO

Nesta época de crise das ideologias e de um meio social tão rico de informações como carente de referências, a necessidade de contar com uma antropologia que proporcione uma visão do homem integral, harmônica e profunda se faz cada vez mais urgente.

Procurar-se-á neste seminário dar uma concepção pagã e cristã do homem, ou melhor, da Pessoa Humana; bem como da concepção de Karol Wojtyla da pessoa humana.

Vale salientar que as escolas e pensadores pagãos, que se dedicaram com o empenho ao estudo do homem – em destaque Platão e Aristóteles – não barraram ao cristianismo o caminho do sentido de reconhecimento da dignidade da pessoa humana. Bem pelo contrário, prepararam esse caminho.

Todavia, apesar dos seus altos e nobres esforços, os pensadores pagãos, por nenhuma de suas escolas, nem por nenhum de seus pensadores, chegou a formular uma metafísica da pessoa humana, por não possuir do individual uma ideia bastante elevada para fazê-lo - como no caso de Platão e Aristóteles.

Com isso, explicar-se-á um pouco mais o pensamento de Platão e Aristóteles, não só por tratar-se dos dois maiores gênios da filosofia pagã, mas também, e sobretudo, porque seus sistemas estavam melhor aparelhados metafisicamente, do que os demais sistemas pagãos, para uma análise das raízes ontológicas da verdadeira grandeza do homem.

A partir de então, dar-se-á uma visão nova do homem, a visão do cristianismo, que consiste numa relação nova do homem com Deus, da situação do homem no cosmos e do homem com o próprio homem.

Nota-se, a partir disto, que o mistério do homem se revela na pessoa humana. E que a partir do cristianismo, não é mais somente o homem, é a pessoa humana que é necessário dizer. Isso vê-se mais claramente na antropologia personalista de Karol Wojtyla.

Para Wojtyla - filósofo da pessoa - a pessoa é o referencial que possibilita entender o lugar do homem no mundo. A oportunidade da pesquisa sobre a compreensão da pessoa, segundo Wojtyla, também se encontra no fato de que o problema do homem é, nos tempos atuais, objeto de importantes correntes de pensamento. O tema do homem, na contemporaneidade, é, de fato, objeto de aguda atenção. O ser humano se tornou, verdadeiramente, o eixo do entendimento de todo o real. Constatam-se, ao mesmo tempo, certas perplexidades.

O homem de hoje em dia parece hesitar e temer frente aos problemas que ele mesmo gerou. Wojtyla vem afirmar que a filosofia da pessoa se encontra impulsionada pelos grandes

problemas que o desenvolvimento, em aspectos quantitativos, e o processo cultural trouxeram para a vida do homem atual.

E Karol Wojtyla contribuiu, com sua concepção de pessoa, para o enfrentamento de determinados problemas de nosso tempo.

2 CONCEPÇÃO PAGÃ E CONCEPÇÃO CRISTÃ DO HOMEM

> "De todas as coisas admiráveis da natureza, escreve o poeta grego, não conheço nenhuma tão admirável quanto o homem. A partir do cristianismo, não é mais somente o homem, é a pessoa humana que é necessário dizer"[1].

Vive-se em uma época de endeusamento do coletivo. Para muitos espíritos, com efeito, o coletivo é o divino e, para obtê-lo, basta eliminar o individual, isto é, a singularidade da pessoa humana[2].

Várias são, como se sabe, as fontes modernas dessa nova divindade. Entre as principais, citam-se Augusto Comte e Ludwig Feuerbach. Ambos, como escreveu Emile Saisset, propõe à Europa cristã a adoração de um Deus novo – o gênero humano[3]. Deus novo: deus feito de homens, isto é, de seus próprios adoradores.

Por outro lado, vive-se, concretamente, num mundo, por assim dizer, massificado. E a característica mais significativa do homem das massas é a despersonalização. "O homem das massas é despersonalizado"[4]. A massa, em sentido estrito, isto é, a massa uniforme, tende, por sua natureza, a criar individualidades e a absorver personalidades. Assim, explicitando o pensamento de Joseph Folliet, pode-se dizer que o homem das massas é uma individualidade despersonalizada[5].

Contra essa despersonalização do homem, pelo coletivismo uniforme, reagiu o chamado personalismo moderno - teve-se uma concepção cristã do homem, ou melhor, da pessoa humana - cujo destacar-se-á o personalismo de Karol Wojtyla.

2.1 CONCEPÇÃO PAGÃ DO HOMEM

Em geral, como lembra Etienne Gilson em sua obra[6], as escolas e pensadores pagãos, que se dedicaram com empenho ao estudo do homem, não barraram ao cristianismo o caminho no sentido do reconhecimento da dignidade da pessoa humana. Pelo contrário, prepararam esse caminho. Para confirma-lo, basta lembrar as doutrinas dos estoicos e epicureus, ou os nomes de Epicteto, Sêneca, e principalmente Platão e Aristóteles.

---

[1] GILSON, Etienne, *L'esprit de la philosophie médiévale.* Paris: J. Vrin, 1932. p. 212.
[2] VILELA, Pe. Orlando. *A Pessoa Humana no Mistério do Mundo.* Petrópolis: Vozes, 1968. p. 11.
[3] SAISSET, Emile. *Les écoles philosophiques em france.* p. 681.
[4] FOLLIET, Joseph, *L'avenement de Promethée.* Lyon, 1951. p. 44.
[5] VILELA. *A Pessoa Humana no Mistério do Mundo.* p. 11.
[6] *L'esprit de la philosophie médiévale*.

Todavia, apesar de seus altos e nobres esforços, o pensamento pagão, por nenhuma de suas escolas, nem por nenhum de seus pensadores, chegou a formular uma metafísica da pessoa humana, seja por não haver ultrapassado o plano moral, como no caso dos estoicos e epicureus, seja por não possuir do individual uma ideia bastante elevada para fazê-lo, como no caso de Platão e Aristóteles.

2.1.1 A concepção de Platão do Homem

É evidente que o platonismo é uma filosofia centrada nas Ideias. É o mundo das ideias que fascina Platão. Para ele, somente as Ideias são realidades verdadeiras. O individual é uma realidade imperfeita, uma sombra fugaz, uma participação acidental da Ideia. Somente esta é necessária, imutável, eterna.

Assim, no que se respeita ao ser humano, o que importa, para o mestre da Academia, é o Homem: os indivíduos concretos não passam de acidentes temporários do Homem. Ainda mais: mesmo quando transfere suas preocupações da população do mundo das Ideias para a população deste mundo, Platão absorve o homem individual no Grande Homem - o Estado.

É verdade que Platão não defende um igualitarismo individual: há indivíduos superiores e indivíduos inferiores. Isso, porém, não resulta das características próprias de cada individualidade, mas da participação mais ou menos completa de cada indivíduo numa realidade comum – a Ideia Homem, que é a única realidade verdadeira[7].

2.1.2 A concepção de Aristóteles do Homem

O mundo verdadeiramente real de Aristóteles é outro mundo que não o de Platão: Aristóteles é um realista deste mundo, e não do mundo das Ideias. Para Aristóteles, a realidade verdadeira é o individual: somente os seres individuais, particulares, singulares, existem realmente. As ideias são abstrações: só existem na mente. No caso do homem, então, só nos indivíduos humanos a humanidade existe[8].

Mas, como na de Platão, na doutrina de Aristóteles é ainda o universal que prevalece. A filosofia de Aristóteles é essencialmente e não existencial[9]. O que empolga o Estagirita é a espécie incorruptível e não os indivíduos corruptíveis. Estes existem, apenas, para assegurar a

---

[7] VILELA. *A Pessoa Humana no Mistério do Mundo*. p. 14.
[8] *Ibid*, p. 14.
[9] *Ibid*, p. 14.

imortalidade da espécie, ou, em termos equivalentes, a multiplicidade dos indivíduos outra coisa não é senão o substituto da unidade da espécie[10].

Sobre isto, Etienne Gilson afirma:

> "Se bem que as únicas substâncias que ele reconhece sejam homens, isto é, a forma específica da humanidade individualizada pela matéria, Aristóteles não considera a multiplicidade dos indivíduos senão como substituto da unidade da espécie. Na falta de uma humanidade que não pode existir à parte, a natureza se contenta com suas pequenas moedas, que são os homens. Cada um de nós nasce, vive um tempo breve, e desaparece para sempre sem deixar traços; mas, que importa, se novos homens nascerão, viverão, morrerão e serão, por sua vez, substituídos por outros? Os indivíduos passam, mas a espécie dura. No final das contas, o indivíduo que subsiste e passa não tem outra função senão a de assegurar a permanência do que não subsiste, mas não passa"[11].

Nota-se que a participação acidental e imperfeita do Homem, tanto em Platão como em Aristóteles, não passa de um "futuro morto".

2.2 CONCEPÇÃO CRISTÃ DO HOMEM

Com esse "futuro morto", a antropologia não tem espaço para o transcendente. O homem, em linhas gerais, não passa de um mero membro de um todo. Surge, então, o cristianismo, com uma novidade em relação ao Homem, ou melhor, à Pessoa Humana.

2.2.1 A novidade do cristianismo

O cristianismo não é uma filosofia, no sentido técnico do termo, mas uma religião revelada. Não é uma sabedoria humana, mas uma sabedoria de salvação. Cristo não falou à razão discursiva, não argumentou com os gregos, não formulou um sistema lógico de ideias. Cristo deu aos homens, isto sim, um Evangelho, que não é um tratado filosófico, nem um código de moral, mas fonte de nova vida: "*in novitate vitae ambulemos"* (Rm. 6,4)[12].

Evangelho é uma palavra de origem grega - ευαγγέλιον - que significa Boa-Nova, Boa Novidade.

---

[10] *Ibid*, p. 14.
[11] GILSON. *L'esprit de la philosophie médiévale*. p. 197.
[12] VILELA. *A Pessoa Humana no Mistério do Mundo*. p. 15.

Entretanto, em que consiste a Boa Novidade do cristianismo? Fundamentalmente no seguinte: 1). Numa relação nova do homem com Deus – a relação de filiação divina; 2). Numa visão nova da situação do homem no cosmos; 3). Numa relação nova do homem com o homem.

2.2.2 Visão nova do homem

Para o cristianismo, o homem todo inteiro é obra de Deus. Deus o fez pela criação, o recriou pela redenção e o conserva – na existência, por um ato de criação contínua; e na recriação, pela dádiva de sua graça[13]. E o criou, recriou e o conserva, com uma individualidade distinta. Pra o cristianismo, o homem tem uma dignidade anterior à dignidade da espécie e um destino posterior ao dela, por isso que se trata de um destino eterno.

O homem do cristianismo, então, é um "homem novo", uma "nova criatura". São Paulo o ensina, em termos claros e decisivos: "Revesti-vos do homem novo, criado segundo Deus em justiça e santidade de verdade" (Ef. 4, 23-24); "Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. Passaram as coisas velhas, eis que tudo se fez novo" (2Cor. 5, 17). Regenerada em Cristo, a humanidade é, pois, segundo São Paulo, uma nova criatura, um ser novo, portador de realidades novas. Cristo é a cabeça de um organismo novo, de uma nova criação[14]. Revestidos do "homem novo" ou "revestido de Cristo", o homem passa a viver uma vida nova – vida de intimidade misteriosa com Deus. E também vida de estreita comunhão com seus irmãos: "Ouvistes o que foi dito: amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, para que sejais filhos do vosso Pai, que está nos céus" (Mt. 5, 43-45).

Vida de estreita comunhão com seus irmãos. Acentua-se bem este ponto. A paternidade divina é a fonte da fraternidade humana: o amor dos homens resulta no amor de Deus. A caridade define o cristianismo. Por isso, o cristão não pode deixar de ser um homem aberto ao amor e ao serviço dos outros homens. "O cristão, escreve Auguste Etcheverry, não pode fechar-se sobre si. É o homem de diálogo, de serviço, de comunhão. O amor de Deus encontra no amor dos homens sua necessária expressão. Amar a alguém é amar um irmão de Cristo e, por conseguinte, Cristo em pessoa"[15].

---

[13] *Ibid*, p. 15.
[14] *Ibid*, p. 15.
[15] ETCHEVERRY, Auguste. *Le conflit actuel des humanismes.* Paris, 1955. p. 270.

Eis, em síntese, o homem do cristianismo. É perceptível estar-se em um outro mundo que não o do pensamento grego. Estar-se infinitamente longe do homem acidente de uma ideia, de Platão, bem como do homem membro da Espécie, de Aristóteles. Não se trata mais de um "futuro morto", trata-se de um ser indestrutível como o próprio decreto divino que o criou, e destinado a uma vida eterna junto de Deus[16].

É por isso que "o homem excede infinitamente o homem"[17]. É por isso que ele é o único ser que não pode "realizar-se senão ultrapassando-se"[18].

2.2.3 Visão nova do homem e pensamento cristão

Essa visão nova do homem – diria: essa promoção do homem indivíduo a pessoa humana, decorrente da mensagem evangélica – não podia deixar indiferente do pensamento filosófico cristão. E, de fato, não deixou: a história da filosofia do cristianismo mostrar-se-á, sem possibilidade de contestação, que os pensadores cristãos, a partir da patrística grega até os dias atuais, têm-se empenhado justificar filosoficamente o conceito ontológico de pessoa humana[19].

A esse respeito convém assinalar três coisas: 1). Em seu esforço para formular em termos filosóficos sua concepção do homem, os autores cristãos muito devem aos gregos, sobretudo a Platão e Aristóteles: "a filosofia cristã, escreve Landsberg, tentou uma interpretação metafísica da singularidade da pessoa humana e de sua relação com Deus através das categorias antigas que ela tinha à sua disposição"[20]; 2). A filosofia cristã do homem, porém, não é um puro prolongamento da filosofia grega: se a instrumentalidade conceitual é grega – platônica ou aristotélica – a concepção, ela própria, do homem, é evangélica, e não grega; 3). Se os pensadores cristãos muito devem aos gregos, devem mais ainda ao Evangelho: a mensagem evangélica obrigou-os a ser originais[21].

---

[16] VILELA. *A Pessoa Humana no Mistério do Mundo*. p. 15.
[17] PASCAL, Blease. *Pensée.* Montréal: Editions Variétés, 1944. p.209.
[18] LAVELLE, Louis. *Traité des valeurs.* Paris, 1951. p. 18.
[19] VILELA. *A Pessoa Humana no Mistério do Mundo*. p. 16.
[20] LANDESBERG, P.L. *Problémes du Personnalisme.* Paris: Editions du Seuil, 1952. p. 18.
[21] VILELA. *A Pessoa Humana no Mistério do Mundo*. p. 16.

3 O PERSONALISMO DE KAROL WOJTYLA: A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

> "Homem: com quanto respeito precisamos pronunciar esta palavra!"[22].

Karol Wojtyla reúne todas as características para ser considerado um representante "típico" do personalismo, não apenas porque seu pensamento se enquadra plenamente dentro dessa corrente, como porque sua vida reúne essa mescla de ação e reflexão, própria de muitos de seus representantes[23].

> "As circunstâncias nunca me deixaram muito tempo para o estudo. Por temperamento, prefiro o pensamento à erudição, ao que me dei conta durante minha curta carreira de professor em Cracóvia e Lublin. **Meu conceito de pessoa, 'única' em sua identidade, e do homem, como tal, centro do Universo, nasceu da experiência e da comunicação com os outros**, em maior medida que da leitura. Os livros, o estudo, a reflexão... ajudaram-me a formular o que a experiência me ensina."[24].

Como bem visto, o conceito de "homem como pessoa" nasce somente no âmbito do pensamento cristão; é desconhecido no antigo pensamento grego e, na época moderna, é substituído pelo conceito de "indivíduo". Para Wojtyla, o ser humano não pode ser reduzido a um "indivíduo da espécie". Há nele "algo mais", a saber, "uma plenitude e uma perfeição de ser" que se expressam com o termo "pessoa". Esta pessoa, reflexo divino da Santa Trindade, que é a "interação absoluta entre três Pessoas", expressa-se na interação entre o "eu" e o "tu" e leva à "solidariedade, à "comunhão" e ao "amor-doação". Quem ama procura o "bem do outro". E o amor perfeito chega ao máximo quando, juntamente com a outra pessoa, se procura o Bem supremo, Deus[25].

---

[22] Palavras pronunciadas pelo Papa João Paulo II no dia 22 de outubro, na ocasião do início solene de seu Pontificado.
[23] BURGOS, Juan Manuel. *Introdução ao personalismo.* São Paulo: Cultor de Livros, 2018. p. 125.
[24] WOJTYLA, Karol. in: FROSSARD, Andre. *No tengáis miedo.* Barcelona: Plaza & Janés, 1982. p. 16, grifo nosso.
[25] SILVA, Paulo Cesar da. *A antropologia personalista de Karol Wojtyla:* pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II. Aparecida: Ideia & Letras, 2005. p. 16.

3.1 A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

É fundamental, consoante, o pensamento wojtyliano, que reconhece a pessoa como valor e os valores da pessoa e a hierarquia deles[26]. A referência a escritos pontifícios demostra que o pensamento filosófico personalista de Karol Wojtyla constitui um princípio hermenêutico para a composição dos referidos documentos.

Max Scheler se engana ao reduzir a pessoa a atos. Ela é um ser substancial e seu valor antecede ao valor de seus atos. "O ser é anterior à ação e, portanto, a pessoa, e seu valor é anterior e mais fundamental que o valor da ação"[27].

A afirmação da natureza e do valor transcendente da pessoa humana, e precisamente por assim ser compreendida como fim da ação e do amor, norma da relação interpessoal por excelência, constitui a base da concepção ética de Karol Wojtyla. Encontram-se, entretanto, no tempo hodierno fatores que dificultam e são causas de um verdadeiro retrocesso da consciência e iniciativas referentes à defesa e promoção da dignidade da pessoa humana.

3.1.1 O retrocesso da consciência

A afirmação teórica da dignidade da pessoa humana e seus verdadeiros direitos é, em si, algo bom, defensável e necessário. Observa-se, infelizmente, o paradoxo entre o discurso e a efetivação prática das diversas declarações e, mais grave, um verdadeiro retrocesso ao devido respeito para com a pessoa humana e a seus direitos.

3.1.1.1 O discurso conflita com a prática

A antropologia, implícita e pressuposta, que norteia a política, o direito e a ética na denominada civilização contemporânea, é um dos elementos que, ao mesmo tempo, alicerça e explica o paradoxo das declarações sobre os direitos humanos. O individualismo e as ciências humanas contribuíram, de forma alarmante, para uma concepção fragmentada do homem. O reducionismo de diversas matizes demonstram, da mesma forma, o quanto o homem se distanciou da realidade de si mesmo. E a consequência disso tudo gera uma antropologia equívoca.

---

[26] SILVA, Paulo Cesar da. *A ética personalista de Karol Wojtyla.* Aparecida: Ed. Santuário, INISAL, 2001. p. 229-231.
[27] *Ibid*, p. 310.

As obras da criatura humana se opõem paradoxalmente a sua sobrevivência, à dignidade e ao valor da pessoa como valor[28]. Karol Wojtyla expressa-se em seus escritos que a consciência do valor da vida humana está ofuscada.

> [...] discretas, mas explícitas referências as monstruosas aberrações dos tempos modernos, como campos de concentração, prisões e torturas. Falando como papa, constata que nos encontramos numa situação de profunda crise; é a crise do próprio homem; a crise de sua consciência humana; a crise da cultura[29].

As declarações sobre os direitos humanos e as regras que elas inspiram manifestam, ao mesmo tempo, uma sensibilidade moral quanto ao valor e à dignidade de cada ser humano, chegando-se, entretanto,

> [...] a uma viragem de trágicas consequências, a um longo processo histórico, no qual, depois de ter descoberto o conceito de "direitos humanos" – como direitos inerentes a cada pessoa e anterior a qualquer Constituição e legislação dos Estados -, incorre hoje numa *estranha contradição*: precisamente numa época em que se proclamam solenemente os direitos invioláveis da pessoa e se afirma publicamente o valor da vida, o próprio direito à vida é praticamente negado e espezinhado, particularmente nos momentos emblemáticos da existência, como são o nascer e o morrer[30].

O pensamento da última modernidade, rompido com o ser, escorrega para o *não-ser*, cuja gestação é a crise de sentido contemporânea que se mostra na cultura da morte, da violência contra a pessoa, expondo o paradoxo das muitas declarações dos direitos humanos e dos movimentos a favor da *vida.* A pessoa humana, enquanto objeto do demiurgo moderno, não se sujeita à medida e à fabricação. O conceito de ser humano como *pessoa* é, entretanto, desconstruído e se originam, como substitutas, as noções de *sujeito*, de *indivíduo*, fechado em si, enquanto o *outro* é, no máximo, tolerado como oportuno instrumento de uso, de gozo, dos interesses individuais e coletivos[31].

---

[28] JOÃO PAULO II. *Redemptor Hominis.* 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. 15-16.
[29] SÁ EARP, Pe. Ney Affonso de. *Metafísica da participação e solidariedade ativa*, in: *Antropologia e Práxis no pensamento de João Paulo II.* Rio de Janeiro. Edições Lúmen Christi, 1985. p. 135.
[30] JOÃO PAULO II. *Evangelium Vitae.* 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. 18, grifo do autor.
[31] SILVA. *A antropologia personalista de Karol Wojtyla:* pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II p. 120, grifo do autor.

3.1.2 A fundamentação da dignidade da pessoa humana

Kant, uma das maiores expressões da mudança de paradigma da *representação*[32], rejeita a filosofia do ser, com a *revolução copernicana*, e cria condições para a afirmação da filosofia da consciência. Ele inspira-se, pelo menos, em três fontes para afirmar a dignidade do ser humano. São elas o pensamento estóico, Santo Tomás de Aquino e Rousseau[33]. O estoicismo declara a dignidade humana, não um dado, mas um ideal, afirma-se na possibilidade de o homem usar sua razão nos juízos e procedimentos sujeitos a ele. Santo Tomás exprime a concepção cristã do amor de Deus a todos os seres humanos, imagem e semelhança do Criador, independentemente de suas convicções. O homem deve, por consequência, amor e respeito a todos os seus semelhantes por que e enquanto pessoas. O pensamento kantiano sobre

> [...] a dignidade humana se inscreve nessa tradição cristã, que atribui a cada ser humano um valor primordial, independentemente de seu mérito individual e de sua posição social; mas Kant tenta fundamentar essa ideia de uma maneira que não deve nada às pressuposições teológicas. Ele afirma que a fé religiosa se deve fundamentar no conhecimento moral e não ao contrário[34].

Karol Wojtyla interessado com a filosofia kantiano no que diz respeito à dignidade humana, demonstra seu intento de convergir a filosofia do ser com a filosofia da consciência, declara que essa,

> [...] particularmente na versão fenomenológica, certamente enriqueceu nosso conhecimento dos fenômenos empíricos da espiritualidade humana, mas não se decidiu dar o passo metafísico dos sintomas aos fundamentos, isto é, na linguagem de Tomás de Aquino, dos efeitos à causa[35].

A compreensão do homem, como ser pessoal, é condição e um dos fundamentos para afirmação do valor e da dignidade da criatura humana.

---

[32] Entendia-se por *representação* um meio pelo qual o ato de quem conhece identifica-se com o ato do objeto conhecido, captado em sua realidade extramental. A partir da nova concepção, constituiu-se no *termo* do conhecimento e não mais o *meio* para se chegar intelectivamente ao objeto, à realidade extramental.
[33] SILVA. *A antropologia personalista de Karol Wojtyla:* pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II. p. 125.
[34] CANTO-SPERBER, Monique. *Dicionário de Ética e Filosofia Moral,* Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2 vol., 2003. Verbete *Dignidade.* p. 440.
[35] JOÃO PAULO II. *Memória e Identidade.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 49.

3.1.2.1 A *participação* ontológica e a dignidade da pessoa humana

Karol Wojtyla defende a ideia tomista de *participação,* de herança platônica-agostiniana[36], visto que "Deus, ser plenamente autossuficiente (*Ens subsistens*), era considerado o suporte indispensável para todo o *ens non subsistens, ens participatum,* isto é, para todos os seres criados e, por conseguinte, também o homem"[37].

Santo Tomás, apoiado na noção de *participação,* demonstra o vínculo das criaturas com o Criador, com o Bem supremo e fonte de todos os bens. Demonstrando a relação entre o "ente acidental que possui o esse *per participationem* e o ser necessário, que é um ser autônomo (*esse subsistens*)"[38].

O valor e a dignidade da pessoa se manifesta mais claramente, à proporção que ela cresce em consciência de que é participação do Criador.

3.1.2.2 O uso objetivo e subjetivo da pessoa humana

A pessoa não pode ser tratada como meio para algum fim, sob pena de ser violentada, em todas e quaisquer circunstâncias de sua existência.

A pessoa, por direito natural, deve ser o fim da ação, por que ela é, também, um sujeito capaz de pensar e de escolher os próprios fins. Sua estrutura ontológica lhe garante e exige ser tratada como fim.

Karol Wojtyla, acolhendo parcialmente o personalismo moderno kantiano, na Fundamentação da metafísica dos costumes, expressa que a pessoa não deve ser para os outros só um meio. Ele é categórico quando afirma que "ninguém pode servir-se de uma pessoa como um meio, nem sequer o Deus-Criador"[39].

O termo *usar,* conforme segundo sentido, "significa vivenciar o prazer, este prazer que em vários matizes está unido à ação e ao objeto da ação. [...] O segundo significado dessa palavra é igualmente importante para a moralidade"[40].

O termo *usar,* agora, é uma aplicação particularizada do primeiro significado e se efetiva quando alguém, no relacionamento com outra pessoa, age tendo o prazer como fim último de sua ação. A primeira acepção exprime um *usar mais amplo e objetivo*, enquanto a

---

[36] TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica,* I, q. 3, a. 4.
[37] PLATÃO. *Fedon,* in: *Os pensadores.* 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 100d.
[38] JOÃO PAULO II. *Memória e Identidade.* p. 19, grifo do autor.
[39] WOJTYLA, Karol. *Amor e responsabilidade.* São Paulo: Cultor de livros, 2016. p. 26.
[40] *Ibid,* p. 29.

segunda constitui uma efetivação mais restrita, particular e propriamente subjetiva do uso da pessoa[41].

O usar, por outro lado, pode vir disfarçado de amor. O utilitarismo, de qualquer matiz, à proporção que concebe o ser humano como instrumento, em que o valor da pessoa pode ser reduzido ao valor de sua utilidade, pode ser hedonista ou não. O utilitarismo se afirma como característica da maneira de pensar e de viver do ser humano contemporâneo, mas é comum a todas as épocas. O utilitarismo atual, entretanto, mostra-se explícita e conscientemente formulado, defendendo que "tudo o que dá prazer e exclui o sofrimento é útil, porque o prazer é o fato essencial da felicidade humana. Ser feliz, conforme os postulados do utilitarismo, significa levar uma vida agradável"[42].

3.1.2.3 O amor como afirmação da pessoa humana

Quem ama não usa e quem usa não ama. O amor da pessoa pela pessoa se revela, em sua veracidade, pela atitude de quem afirma amar. Seu amor deverá ter como fim a outra pessoa, o próximo, quanto a seu crescimento integral. O justo amor à pessoa exige que se negue sua coisificação e utilização. Deve-se dar a cada criatura humana aquilo que ela tem direito enquanto e porque pessoa.

O amor é condicionado pelo relacionamento das pessoas que buscam *o bem comum*[43].

É indispensável, portanto, afirmar o bem da humanidade e, essencialmente, o valor objetivo da pessoa humana, para que se efetive um verdadeiro ato de amor.

A capacidade de autodoação pessoal foi inscrita por Deus na essência da pessoa. Essa capacidade se relaciona, intimamente, com a estrutura de autodomínio e de autodeterminação do ser pessoal[44].

---

[41] SILVA. *A antropologia personalista de Karol Wojtyla:* pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II. p. 131, grifo do autor.
[42] WOJTYLA. *Amor e responsabilidade*. p. 34.
[43] SILVA. *A antropologia personalista de Karol Wojtyla:* pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II. p. 133, grifo do autor.
[44] *Ibid*, p. 133.

4 PERSONALISMO: UMA PROPOSTA PARA OS PROBLEMAS IDEOLÓGICOS VIGENTES

> "Não basta desejar a pessoa como um bem para si mesmo, é preciso, além disso e sobretudo, querer o bem para ela. Esta orientação da vontade e dos sentimentos, altruísta por excelência, é chamada por São Tomás de '*amor benevolentiae'* ou simplesmente *'benevolentia'*. O amor de uma pessoa por outra deve ser benevolente para ser verdadeiro, caso contrário, não será amor, só egoísmo"[45].

Nessa época de crise das ideologias, da proibição pós-moderna dos grandes escritos, e de um meio social tão rico de informações como carente de referências, a necessidade de contar com uma antropologia que proporcione uma visão do homem integral, harmônica e profunda se faz cada vez mais urgente. E o personalismo parece estar em condições de oferecer essa visão tão necessária.

Jacques Maritain, em um conhecido texto, afirma: "uma das grandes preocupações do personalismo tomista consiste em evitar um e outro excesso"[46]. E essa ideologias nada mais são do que um e outro excesso, pois toda ideologia reduz o todo a uma parte, e por essa parte nega o todo - em especial, a ideologia de gênero, bem como o comunismo. E o personalismo se encaixa como resposta a essas ideologias que reduz o homem como um ser útil a seus ideais que deturpam a identidade da pessoa humana. O personalismo vem para mostrar que o ser é irredutível e que sua instrumentalização violenta sua natureza, sua estrutura ontológica, seu valor e dignidade, dificultando e impedindo sua realização como ser pessoa[47].

O personalismo é uma anti-ideologia por excelência[48].

É interessante pensar que a única coisa que diferencia o animal-homem do animal-bicho, é que o animal-bicho busca apenas correr do sofrimento e buscar o prazer! Será que não é isso que essas ideologias, em especial a de gênero, buscam impor na vida do homem? E será que não é assim que esses ativistas vivem?

É aí que entra o personalismo de Karol Wojtyla, que não olha apenas o homem externo, repleto de feridas, mas olha a pessoa humana que ela é! A pessoa humana é um terreno sagrado! Deus o fez à sua imagem e semelhança, e, por isso, deve-se ter o mesmo respeito que Moisés teve ao chegar perto da sarça ardente – retirai as sandálias, este solo é santo. (Ex. 3,5).

---

[45] WOJTYLA. *Amor e responsabilidade*. p. 30.
[46] MARITAIN, Jacques. *La personne et le bien comum,* Obras completas, vol. IX. p. 170.
[47] SILVA. *A antropologia personalista de Karol Wojtyla:* pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II. p. 128.
[48] BURGOS. *Introdução ao personalismo.* p. 199.

Acredita-se, então, que o personalismo seja a resposta para os problemas vigentes - ideologia de gênero, doutrinas comunistas -, por defender, logicamente, a dignidade da pessoa humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que respeita à concepção do homem, uma profunda e radical diferença separa o mundo cristão do mundo pagão ou grego. Lá onde o homem era apenas uma participação acidental e imperfeita do Homem ideia ou apenas um membro da espécie humana passa a ter sua dignidade imanente em seu ser.

A mensagem evangélica promoveu que o conceito de pessoa humana é tipicamente cristão. Com o cristianismo, tudo muda. A consideração do ser é substituída pela da pessoa.

O cristianismo, por isso mesmo, é responsável pela irrupção da pessoa humana na cultura e civilização ocidentais. Se o sentido do homem como pessoa é hoje familiar ao pensamento contemporâneo, isso se deve à mensagem evangélica.

E apesar dos tempos hodiernos, cujo há uma deturpação da pessoa humana, há, também, pensadores que buscaram, filosoficamente, a dignidade de cada pessoa humana. Karol Wojtyla, em sua investigação, demonstrou o escopo de ir às coisas mesmas e não teorizar sobre outras teorias. Ele possui uma concepção gnosiológica realista, no sentido de afirmar que o ser humano é capacitado para conhecer as coisas em si e não apenas fenômenos das coisas.

Sabe-se que o individualismo e os reducionismos de várias matizes demonstram o quanto o homem se distanciou da realidade de si mesmo. E a consequência disso tudo é um equívoco antropológico.

O personalismo de Karol Wojtyla veio para mostrar a dignidade integral de cada pessoa humana, pois só assim dar-se-á, então, valor a si mesmo, ao outro e à vida.

REFERÊNCIAS

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica:* Teologia, Deus, Trindade. v.1. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

BURGOS, Juan Manuel. *Introdução ao personalimo*. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

CANTO-SPERBER, Monique. *Dicionário de Ética e Filosofia Moral,* Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2 vol., 2003. Verbete *Dignidade.*

ETCHEVERRY, Auguste. *Le conflit actuel des humanismes.* Paris, 1955.

FOLLIET, Joseph, *L'avenement de Promethée.* Lyon, 1951.

GILSON, Etienne, *L'esprit de la philosophie médiévale.* Paris: J. Vrin, 1932.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium Vitae*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. *Carta Encíclica Redemptor Hominis*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Exortação Apostólica Christifideles Laici.* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

LANDESBERG, P.L. *Problémes du Personnalisme.* Paris: Editions du Seuil, 1952.

LAVELLE, Louis. *Traité des valeurs.* Paris, 1951.

LEWIS, Clive Staples. *Aabolição do homem.* 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MARITAIN, Jacques. *La personne et le bien comum,* Obras completas, vol. IX.

PLATÃO. *Fedon,* in: *Os pensadores.* 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

PASCAL, Blease. *Pensée.* Montréal: Editions Variétés, 1944.

SÁ EARP, Pe. Ney Affonso de. *Metafísica da participação e solidariedade ativa,* in: *Antropologia e Práxis no pensamento de João Paulo II.* Rio de Janeiro. Edições Lúmen Christi, 1985.

SILVA, Paulo Cesar da. *A antropologia personalista de Karol Wojtyla:* pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II. Aparecida: Ideia & Letras, 2005.

_____. *A ética personalista de Karol Wojtyla*. Aparecida: Ed. Santuário, INISAL, 2001.

VILELA, Pe. Orlando. *A Pessoa Humana no Mistério do Mundo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1968.

WOJTYLA, Karol. in: FROSSARD, Andre. *No tengáis miedo*. Barcelona: Plaza & Janés, 1982.

_____. *Amor e responsabilidade.* São Paulo: Cultor de livros, 2016.